DÊ UM SALTO EM SEU PROJETO DE PESQUISA EM 30 MINUTOS

Métricas da Pesquisa

ADRIAN SGARBI

pesquisatec

Métricas da Pesquisa

Dê um salto em seu projeto de pesquisa em 30 minutos

Adrian Sgarbi

2021

Título: Métricas da Pesquisa
Subtítulo: Dê um salto em seu projeto de pesquisa em 30 minutos
Formato: Livro Digital
Veiculação: Digital
ISBN: 978-65-00-25871-4

Sobre o Autor

Adrian Sgarbi é pesquisador, escritor e editor. Professor do programa de mestrado e doutorado da PUC-Rio desde 2002. Tem experiência no país e no exterior no ensino, orientação e avaliação em bancas de pós-graduação *stricto sensu*. Curador do site Pesquisatec, se ocupa de questões sobre a pesquisa, escrita, e práticas acadêmicas. Mantém um Blog com informações e conselhos para jovens pesquisadores sobre o mundo da academia. Autor do curso em vídeos Guia de Dissertação e Tese cujo propósito e fornecer um passo a passo através das diversas etapas da pesquisa e escrita de dissertações e teses. Conheça a obra em vídeos:

Aos pesquisadores, por fazerem dos seus sonhos
o futuro do país.

Prólogo

Um projeto de pesquisa deve resultar de extenso exercício de reflexão, de modo que faça sentido não apenas para você, mas também para aqueles que irão avaliá-lo.

Este *ebook* foi escrito com base nos problemas mais comuns apontados na fase de análise de projetos de pesquisa apresentados aos programas de mestrado e doutorado. O texto resulta de conversas com professores de programas de Pós-graduação *stricto sensu* de diversas áreas e de distintas instituições. Resulta também de minha experiência pessoal dos últimos 20 anos trabalhando neste processo.

Por ele, o meu desejo é aguçar a sua percepção para o que pesa negativamente, quando avaliadores julgam a qualidade e o potencial dos projetos que recebem.

Embora este seja o *background,* o que você tem diante de você foi pensado para ser vencido em apenas 30 minutos de leitura. Não mais do que isso. A sua razão de ser é fazer com que você olhe como nós, avaliadores, olhamos para você quando analisamos o seu plano de conquista acadêmica e, assim, possa revelar todo o seu talento.

Creio vivamente que conjugar os seus conhecimentos às dicas deste *ebook* e às informações disponíveis na instituição dos seus sonhos aumentará as chances de você ser selecionado.

Desperdiçar tempo é algo que não me agrada. Caso não acreditasse neste potencial de melhorar a sua **versão final** de projeto, sequer ligaria o meu computador para escrevê-lo.

Portanto, mãos à obra. Ou melhor: à obra prima.

Boa sorte.

O Autor

Sumário

Introdução	8
Métrica 1. A Largada	14
Métrica 2. Método e Metodologia	17
Métrica 3. Os Materiais	22
Métrica 4. Ética da e na Pesquisa	25
Métrica 5. O Custo	27
Métrica 6. Resultados Esperados	29
Métrica 7. A Escrita	31
Métrica 8. Linha de Pesquisa	34
Métrica 9. A Representação do Plano	36
Palavras de encerramento	38

Introdução

Gosto de provérbios. Eles nos ajudam a dizer, com poucas palavras, o que páginas e páginas chatas às vezes não conseguem nem capturar como ideia. Veja este:

"O seu dia de sorte é aquele em que você decide agir." — anônimo

---

Fantástico, não?

Todo projeto de pesquisa tem pontos fortes e fracos. Quando os pontos fortes se destacam, o projeto vai para a pilha dos selecionados. Quando são os pontos fracos que chamam a atenção, o cesto da reciclagem é o destino certo.

As exigências para ingressar em um programa de Pós-graduação *stricto sensu* são muitas. Nas instituições de destaque do país, elas assustam: prova de habilidade em língua estrangeira (em regra eliminatória); prova específica de seleção (eliminatória); análise de projeto (eliminatória) e entrevista (eliminatória e classificatória).

Este *ebook* trata de um específico momento deste processo: o da análise do projeto de pesquisa.

Mesmo com este recorte inicial (primeiro de dois, como se verá), analisar um projeto não envolve um único aspecto. Há, por assim dizer, elementos objetivos e subjetivos.

Os pontos objetivos estão relacionados ao que se refere normalmente como “plano de pesquisa”. Esta é uma expressão ampla, que pode ter muitos significados.

Abertamente, diz-se que é pelo “plano de pesquisa” que se verifica a “qualidade” do que é apresentado como intenção de pesquisa. Como tal, pode ser medida.

Já o aspecto subjetivo é difícil de se medir, varia muito de avaliador para avaliador e é praticamente impossível não ficar apenas no “eu acho que você deveria…”. Ou seja, no achismo.[1]

Como fenômeno acadêmico, o aspecto subjetivo se destaca na fase da entrevista. Embora, como se usa dizer, “a primeira impressão é a que fica”, na fase da entrevista os ouvidos dos avaliadores ficam mais aguçados do que os olhos, diferentemente da análise objetiva: nesta, são os olhos que ficam mais atentos.

Dito isso, espero ter sinalizado suficientemente o rumo do segundo recorte. Além deste *ebook* tratar, como adiantei, apenas da fase de análise de projetos, nele não cuido dos aspectos subjetivos da seleção. Por quê?

Por várias razões.

A principal é que não realizei nenhum estudo a respeito do qual se possa atribuir alguma seriedade. O que sempre busquei fazer foi entender os aspectos objetivos. Nada

---

[1] Do que sei dele é que varia bastante. Alguns avaliadores usam preferências pessoais e até posicionamentos políticos. Inclusive, o embate desses posicionamentos políticos na seleção (quando revelados) pode gerar conflito entre os próprios avaliadores.

mais. É claro que você pode contestar: "— Ora, fale da sua instituição!"

Essa oposição entendo ser secundária, mas que merece alguma atenção.

A ética me impede de falar dos meus pares. Tampouco isso seria elegante. Aliás, como também não sou psicólogo, nada teria a dizer de proveitoso, mesmo se eu quisesse; e não quero.

Acrescento que também seria de nenhuma utilidade em relação às outras instituições. Afinal, entender conhecimento local como regra geral é generalização apressada.

Em resumo, um duplo erro: ético e lógico.

Portanto, me calo quanto aos aspectos subjetivos.

"Aquele que não sabe ficar em silêncio não sabe como falar." — Ausonius

---

Pesquisa e projeto de pesquisa

É importante saber do que se está tratando, não?

Uma pesquisa é um processo de construção de conhecimento. Como tal, na academia, manifesta-se em um plano cuja execução evidencia as habilidades e a forma de pensar do pesquisador, seja iniciante ou experiente.

Espera-se que você se envolva intensamente no seu plano de pesquisa. Não apenas para fazer com que você chegue a algum resultado aproveitável, mas para que você,

que deseja ser um pesquisador profissional, divirta-se também.

Sim, divirta-se, porque da mesma forma que algo difícil não é necessariamente chato, algo fácil não significa ser excitante.

Além disso, considere que você irá dedicar muito tempo da sua vida trabalhando na sua dissertação ou em uma tese de doutoramento e que há muita coisa a aprender pelo caminho. Uma delas, e bem importante, é como "colocar no papel" a sua pesquisa em uma sucessão adequada: do *abstract* às referências bibliográficas. E fazer isto sem gostar do que se está pesquisando apenas conduzirá você ao martírio.

Sempre que penso em pesquisa, lembro-me de um título expressivo de um dos meus autores favoritos. O título é *"The Pleasure of Finding Things Out"* (O Prazer de Descobrir as Coisas).[2]

Portanto, tenha isso em mente.

Você deve ter um plano; eu também

"Ter saudade do passado é correr atrás do vento" - anônimo

---

[2] FEYNMAN, R. *The Pleasure of Finding Things Out (The Best Short Works of Richard Feynman)*. New York: Perseus, 1999.

Este provérbio russo vem a calhar, porque é tudo que não queremos que ocorra: ter o seu projeto rejeitado. Daí que apresento à você as métricas.

O que é métrica? Bem, o questionamento é louvável. Até porque neste breve livro atribuo sentido muito específico.

Então, vamos lá.

Por “métrica" designo aqui os elementos mensuráveis que fazem a diferença, positiva ou negativa, nos projetos avaliados por bancas de seleção de mestrado e doutorado, resultando em aumento do peso da pilha dos projetos selecionados ou maior felicidade da indústria de reciclagem do que a sua.

Assim, observe com atenção cada uma das métricas apontadas neste *ebook*, que são nove. Siga as dicas localizadas no final de cada capítulo e não deixe de estudar as regras da instituição a qual você deseja ingressar. Faça isto com cuidado e toda a atenção que merece. É do seu futuro que estamos tratando.

Estas são as métricas que serão vistas capítulo a capítulo:

- ✓ Primeira, a hipótese investigada e as suas questões;
- ✓ Segunda, a metodologia escolhida para se chegar às respostas que se deseja;
- ✓ Terceira, os materiais;
- ✓ Quarta, a ética da pesquisa;
- ✓ Quinta, o custo;
- ✓ Sexta, os resultados esperados;
- ✓ Sétima, a escrita;

- ✓ Oitava, a linha de pesquisa a qual se filia;
- ✓ Nona, a representação do plano.

Métrica 1. A Largada

Começar bem é crucial. Para começar bem, deve-se ter uma largada sólida. Este ponto é a sua *hipótese de pesquisa*.

É comum confundir *hipótese* de pesquisa com *questões* da pesquisa. Saber distingui-las é dar o primeiro passo para a pilha dos projetos selecionados.

Certa vez, ao participar de uma discussão sobre um projeto de pesquisa, ouvi que o projeto era bom e que tinha muitas hipóteses. Com a garganta arranhando, discordei. A base da minha relutância em aceitar que o projeto tinha muitas hipóteses consistia no seguinte: uma hipótese é uma afirmação com uma ou mais variáveis que se sujeita à negação. Ela é *preditiva* e, como tal, pode ser confirmada ou não.

Por exemplo:

“As condições A e B constituem impedimento à produção de alimentos em larga escala na cultura X”.

Uma questão, por sua vez, tem forma *inquisitiva*. Portanto, muitas questões podem ser colocadas a partir de uma mesma hipótese.

Ok. Irei com calma aqui.

Mantido o exemplo acima (o da produção de alimentos), posso perguntar ao pesquisador se o que está dizendo é que, em todas as situações, as condições A e B impedem a

produção de alimentos ou se isso ocorre em apenas algumas. Se for apenas em algumas situações, quais delas e por quê. Estas são perguntas que decorrem da hipótese enunciada no exemplo acima.

À vista disso, deve-se ter cuidado. Delimitar mal a afirmação que se faz (a largada) pode gerar muitos questionamentos e dúvidas sobre o desenho do seu projeto, pois ele seria aberto demais. Isso é o que os *scholars* chamam de **problema de delimitação**. Ou seja, quando o projeto é muito aberto.

Percebeu? Um projeto muito aberto é algo frágil e, com frequência, faz torcer o nariz do avaliador.

Pode-se perguntar, agora, se toda pesquisa precisa necessariamente ter uma hipótese. A resposta é não, não precisa.

Em algumas áreas do conhecimento é factível trazer apenas perguntas de modo a ampliar o campo de exploração e organizá-lo. Aliás, isto é comum nas dissertações de mestrado.

Nos projetos de doutorado, tende-se a exigir que uma hipótese de pesquisa seja apresentada e que se ofereça controles. Tais controles podem ser teóricos ou, mesmo, empíricos.

Um bom exemplo de hipótese de pesquisa é o seguinte: “Estou analisando a cultura X com o objetivo de descobrir se as condições A e B constituem impedimento à produção de alimentos em massa nessa mesma cultura, de modo que a

interferência Y possa ser feita de forma menos custosa economicamente para os seus investidores".

Outro aspecto importante é que você deve apresentar o propósito de sua pesquisa.

Para resolver eventual fragilidade na formulação do propósito de pesquisa, há a técnica dos três momentos.

Esta a técnica: primeiro, resuma o seu tópico; segundo, identifique o que você não sabe; terceiro, informe a relevância da sua pesquisa nesse cenário.

Assim:

Eu estou estudando (1. resuma o seu tópico) porque eu quero descobrir (2. identifique o que você não sabe) de modo a ajudar o meu leitor a (3. informe a relevância da sua pesquisa).

Por fim, esclareço que uma hipótese pode surgir de estudos prévios desenvolvidos por você ou por pesquisas feitas por outra pessoa ou grupo de indivíduos. A isto designa-se de *fontes de pesquisa*.

Nestas situações, é importante registrar as suas *fontes* nas referências bibliográficas (veja a Métrica 3) do seu projeto. Constitui falta grave não fazer isso.

Métrica 2. Método e Metodologia

Uma questão de *design*

Método e metodologia são palavras que causam dificuldades para um pesquisador iniciante. A razão é simples: com ambas, busca-se abraçar não apenas *o que* conhecemos, mas *como* conhecemos *o que* conhecemos.

Por outras palavras, o **método** diz respeito aos instrumentos de uma pesquisa; já a **metodologia,** a justificativa do emprego dos instrumentos no trabalho acadêmico.

Como já foi descrito com muito bom humor,

> "O método são os ingredientes, a metodologia a receita".[3]

Ambos conduzem a sua jornada de pesquisador, isto é, as escolhas e decisões de pesquisa: por exemplo, se a sua pesquisa será descritiva, correlacional, exploratória, dentre outras.

No seu projeto, a parte referente ao método e à metodologia não deve ser um malabarismo do quanto você conhece de técnicas de pesquisa. Esqueça isso! O que se quer saber quando se lê o seu projeto é **qual o caminho**

[3] CLOUGH, P. C. *Nutbrown*. A Student's Guide to Metodology. 3th. Ed. London: SAGE, 2006. p. 37.

que você deseja percorrer para responder à sua hipótese e **com quais instrumentos você pretende realizar este objetivo**.

Aliás, quando os *scholars* querem se referir a ambos, método e metodologia, eles utilizam a expressão "*design* da pesquisa".

Assim, este é o questionamento que os seus avaliadores se fazem silenciosamente ao ler o seu projeto:

"— De todos os instrumentos possíveis, qual é a razão (ou razões) deste candidato ter escolhido este (ou estes)?"

Portanto, você deve apresentar, no seu projeto, as razões da sua escolha.

Problema de *design*

A depender do método escolhido, aspectos correlatos podem exigir justificativa. Isso ocorre, porque a relação entre o método e a metodologia é uma relação de "fazer sentido".

Afinal, qual o sentido de usar o método de entrevista de campo (instrumento) se a sua hipótese é química? Se houver sentido nisto você terá que informar qual é. Fazendo isto você estará se protegendo contra questionamentos desconcertantes.

Uma forma de justificar é dizer que os comportamentos humanos são, em última análise, reações químicas do cérebro, de modo que os sociólogos e psicólogos estão errados (hipótese) ao colocarem muito peso no que

compartilhamos e aprendemos socialmente. No fundo, tudo é uma ilusão, somos apenas seres reativos a certo balanço químico.

Se você está certo ou não na sua construção é com a sua jornada de pesquisador que todos nós saberemos. Mas se algo estiver mal posto na relação entre método e metodologia, isso acenderá um alerta nos avaliadores do seu projeto, o que pode resultar na sua derrocada.

Contudo, se mesmo com problemas na justificativa o seu projeto for selecionado (isso pode acontecer), tenha certeza de que esta será a pergunta decisiva para você na entrevista:

"— Eu li no seu projeto que o método que você elegeu para analisar X, foi Y. No entanto, para mim, não ficou claro como você terá acesso ao material para desenvolver o que você deseja (falta de balanço nas reações químicas do cérebro). Também tive dificuldades de imaginar como você analisaria todo o material colhido com os instrumentos apontados, se é que você conseguirá o material desejado, considerando que vejo as dificuldades a), b), c) e d) à sua frente. Além disso, a noção de 'balanço' utilizada por você em seu projeto é fluida demais. Poderia desenvolver mais a sua ideia agora?"

Sem enfrentar adequadamente o ponto, a pergunta acima será matadora.

Resultado? Reciclagem.

Ah! Isto também é digno de destaque. Quando na entrevista algum avaliador diz que fará uma pergunta,

provavelmente você ouvirá inúmeros questionamentos em sequência, como visto há pouco. Portanto, esteja preparado para anotar.

Dica: caso o seu projeto de pesquisa exija uma abordagem, por exemplo, qualitativa, o que você deve acrescentar é exatamente *como você irá coletar* e *como irá analisar as informações de que disporá na sua trajetória de pesquisa*.

Nota adicional. Uma pesquisa pode ter mais de um método. Na sua jornada de pesquisador é possível que você necessite mudar o método em certa fase (ou seja, os instrumentos de pesquisa). Você pode começar com abordagem teórica, seguir para uma empírica e voltar para a teórica, como também ela pode ser toda teórica. Não há nenhum problema nisto *desde que você justifique*.

Daí a relevância de se notar a diferença entre o método e a metodologia. A metodologia se mantém em uma pesquisa; o método pode ser, inclusive, misto, teórico e empírico. Tudo depende do que é mais apropriado à sua jornada.

Para que não haja confusão com outro conceito importante, faço breve referência aqui à *epistemologia*.

Se, como afirmei, o *método* é o instrumento e *metodologia* é a justificativa do uso dos instrumentos, a fim de se saber *como* e *de que* modo conhecemos o que conhecemos, a **epistemologia** se preocupa com a questão de se *é possível conhecer*, o *que* é o conhecimento e *como*

as crenças que possuímos influenciam ou dificultam no que *queremos* conhecer e justificar.[4]

[4] Veja o verbete 'epistemology, history of' em *The Oxford Companion to Philosophy (*New York: Oxford University Press, 2005), escrito por D.W. Hamlyn.

Métrica 3. Os Materiais

Um erro frequente nos projetos de pesquisa é pensá-lo sem se questionar sobre a acessibilidade do material que será utilizado.

Evidentemente, se você está trabalhando com algo teórico, equacionar este aspecto é, ao menos hoje em dia, trivial. Basta consultar uma instituição que se conecte com outras bibliotecas do mundo que tudo fica à mão.

Na minha época (faz 25 anos. Nossa o tempo voa!) não era assim. Eu tive que pegar ônibus (ônibus interestadual) e viajar constantemente 6 a 7 horas até ter acesso ao material que desejava. Depois, ainda tinha que retornar, óbvio.

Fiz isso um incontável número de vezes. A comunicação entre as bibliotecas no país era lastimável na década de 90 e pensar em obter algo de uma biblioteca estrangeira era ficção científica.

O que complicou tudo foi que o material de que eu tanto precisava era tido como raro pela administração da biblioteca e o acesso era apenas *in loco*. Por isto as minhas constantes viagens.

Para a alegria dos pesquisadores as coisas mudaram. No entanto, isso não significa que você deve se despreocupar dos materiais da sua pesquisa.

Lembro-me de certa vez que, ao ler um projeto, notei que era inacessível. A sua inacessibilidade não era física (ou

eletrônica), mas legal. Pronto. O pobre coitado escreveu 28 páginas de projeto (Tá bom, agora chutei, não lembro mesmo) e qual foi o resultado? Brejo, ou melhor (ao menos para o planeta por questões ecológicas), reciclagem.

Assim, pense bem ao colocar os materiais na equação da sua hipótese de pesquisa (Métrica 1). Algo que pode ser ajustado com maior atenção não deve ser a razão do seu insucesso.

Portanto, detalhe qual é ou quais são os seus materiais. Na análise do seu projeto esse ponto requer também atenção e não pode ser considerado algo menor.

Eu gostaria de aproveitar a ocasião e dar uma dica que vejo constantemente fazer avaliadores torcerem o nariz quando não observada: seja cirúrgico nos materiais selecionados.

Explico.

Mantido o exemplo de textos, escrever um projeto apenas com livros, esses, não monográficos, é apostar no desastre, como no *Armaggedom* da Touchstone Pictures (eu sei, o filme é ruim).

Está aí a regra: um projeto de pesquisa diferenciado é aquele que apresenta literatura específica normalmente encontrável apenas em artigos.

Uma objeção possível que se pode fazer aqui é: "— Mas os avaliadores estão pensando o quê? O meu projeto é tão inédito que não há nada!".

Mesmo? Nada ao redor que seja significativo? Nada em nenhuma língua do planeta? É insuficiência sua ou do campo? Se for sua, bem, o resultado é óbvio: reciclagem.

Portanto, vasculhe bem. Quando não encontrar nada específico, avalie algo correlato que possa ser usado, mesmo que de modo adaptado (coisa que você terá que esclarecer para ser suficiente na Métrica 2, metodologia).

Em resumo: avalie não apenas os aspectos centrais da sua pesquisa, mas os laterais também. Isto irá causar muito boa impressão.

Além do mais, comemore: se é tão inédito assim, você não tem apenas uma dissertação à vista, mas uma tese de doutoramento.

Neste caso, você deve avaliar se vale a pena colocar toda a sua ideia iluminada e energia em jogo agora ou apenas parte para continuar a trabalhar nela, depois, no doutoramento.

Métrica 4. Ética *da* e *na* Pesquisa

Você notou? Eu escrevi ética *da* e *na*.

A diferença aqui é de sintonia fina. A ética *da* pesquisa diz respeito às suas implicações. Por sua vez, a ética *na* pesquisa concerne ao como você a conduz.

Situação que envolve a ética **da** pesquisa consiste em ter que causar sofrimento a um ser vivo durante a pesquisa. Deve haver justificativa séria desta inevitabilidade.

Exemplo dos mais evidentes de falta de ética **na** pesquisa é omitir dados que sinalizem que a sua pesquisa é frágil, apenas para não ter mais trabalho. Outro, o plágio.

Deste modo, vê-se tensão entre a pesquisa e a ética. Inclusive, pesquisadores se reúnem para debater o tênue limite que pode haver entre uma pesquisa e o avanço do conhecimento.

Aliás, importa atentar para o fato de que algumas pesquisas podem exigir o consentimento de alguém.

Outro ponto diz respeito à confidencialidade. É dizer, pode-se ter problema em gravar ou registrar, de alguma maneira, o que está sendo pesquisado.

Como é possível perceber, considerar aspectos éticos no projeto deve estar em seu radar, até porque, ele pode ser um obstáculo intransponível. Se assim for, tenho que dizer o que acontecerá com o seu projeto?

Reciclagem.

Dica: considere as objeções éticas que possam ser feitas ao seu projeto. Dedique parágrafos demonstrando que você entende ser possível suscitá-las e mostre caminhos alternativos para levar o seu estudo adiante. Com esta medida você estará blindado.

Métrica 5. O Custo

Gostaria de que você me entendesse bem quando me refiro ao *custo*. O custo aqui pode ser de tempo, como pode ser de investimento financeiro. Ambos são igualmente importantes em um projeto de pesquisa e podem representar sérios obstáculos quando não equacionados.

Em época de dinheiro curto, financiar uma pesquisa pode ser complicado. Daí que um projeto que exija muito dinheiro pode não estar ao alcance da sua instituição, principalmente em tempos de apoio governamental baixo.

Além disso, projeto que necessite de bastante tempo para chegar aonde se quer chegar pode ser rechaçado porque é irrealizável na média estabelecida para o término da dissertação ou tese.

Assim, de nada adianta uma arrancada boa (veja a Métrica 1) ou ler no seu projeto que você fará isso ou aquilo, se você não tiver fôlego, seja este fôlego financeiro ou de tempo.

O irrealismo é um sinal vermelho e, com ele, vem a reciclagem.

Portanto, ao representar o seu plano (veja a Métrica 9), atenção para a projeção de tempo. Quanto ao custo financeiro, busque apontar no seu projeto quanto você precisará, caso tenha que haver um investimento da Instituição a qual você está concorrendo a uma vaga.

Dica: se o investimento for elevado, demonstre que o custo é baixo ou razoável em relação aos possíveis resultados (veja a Métrica 6).

Métrica 6. Resultados Esperados

Há uma história que, quando contada como normalmente é, não rende os devidos méritos ao bacteriologista Alexander Fleming. Conta-se que a descoberta da peniciliana por Fleming foi um ato de sorte, apenas isso.

Como hoje se sabe, os antibióticos são compostos produzidos por fungos e bactérias. A peculiaridade é que eles inibem que outras espécies microbianas, designadas de espécies concorrentes, se espalhem, causando doenças.

Fleming era professor de bacteriologia em Londres.

Um dia, estudando colônias de bactérias causadoras de furúnculos (colônias de *Staphylococcus*), ele notou, em uma das lâminas levadas ao microscópio, que algo estranho havia acontecido. Algo 'fora' do plano de pesquisa. A contaminação da lâmina por mofo.

O ponto é que, com a contaminação, o *Staphylococcus* ficou ao redor do mofo: ou seja, a colônia não estava se aproximando da região contaminada.

Alguém sem o preparo de Fleming poderia ter lamentado a contaminação e jogado fora a amostra.

No entanto, o olhar treinado de Fleming fez com que ele estudasse o ocorrido com atenção.

Com a conclusão das suas análises, ele publicou artigo no *British Journal of Experimental Pathology* e surgiu a era dos antibióticos.

O que eu quero enfatizar nesta métrica é que um pesquisador deve apresentar o propósito da sua pesquisa. É isso que um examinador vai dar atenção ao ler o seu projeto. Quais os resultados esperados? São eles realistas? Onde você pretende chegar com os seus esforços?

No entanto, você, como pesquisador, durante o processo de pesquisa, deve ser arguto como Fleming e também deve estar atento para eventuais ocorrências surpreendentes e poder, assim, aproveitar-se delas. Mas, para isso, o método (veja a Métrica 2) e os resultados esperados devem estar, antes, bem equacionados. Ou seja, você deve deixar isso claro no seu projeto. Assim, qualquer 'desvio' do esperado pode ser analisado e contribuir para o conhecimento da área também.

Dica: toda pesquisa que mereça ser designada como tal avista algum resultado, seja ele teórico ou prático. Apresente com clareza as suas expectativas com a sua pesquisa, porque caso os avaliadores leiam o seu projeto e não consigam enxergar qual é o seu rumo, o único resultado que o seu projeto vai gerar é material para o cesto de reciclagem!

Métrica 7. A Escrita

Ser pesquisador é desenvolver uma atividade social. Atividade que parte de algum lugar, com específicos propósitos, de modo a sustentar afirmações e comunicá-las a certo público.

No caso da análise do seu projeto, o seu público concerne aos seus avaliadores. O objetivo é conquistá-los, seduzi-los, fazer com que, ao lerem o seu projeto, não torçam o nariz, mas se encantem.

Assim, uma escrita frouxa, sem técnica, desleixada, chama a atenção e pesa para o lado do cesto de reciclagem. Por sua vez, uma escrita clara, precisa e correta distingue você. Ela faz aumentar a pilha de projetos selecionados.

Escrever é ato sonoro. Escrevendo, faz-se o teclado vibrar com os dedos (ou provoca-se ruído ao sulcar o papel com o lápis). Porque escrever, como se usa dizer, é reescrever. Uma, duas, três vezes ou mais até se chegar ao ponto do encantamento. O que comunica o que você deseja comunicar. E isto pode exigir de você muita paciência e dedicação.

Como confessou Hemingway em entrevista, “Eu reescrevi o final de *A Farewell to Arms* (Adeus às Armas) trinta e nove vezes antes de eu ficar satisfeito”.[5]

Portanto, quando você estiver revendo, nesses 30 minutos de leitura deste *ebook*, o seu projeto de pesquisa, você precisa ler o seu projeto como se você não o tivesse escrito; e ter calma ao reescrevê-lo.

Ponha-se no lugar do avaliador e questione se há sobras, lacunas, atropelos sintáticos, dubiedades e ajuste toda esta confusão.

Saiba que se você conseguir se expressar e transmitir a sua ideia de pesquisa, com qualidade, isso irá reluzir.

Como escreveu Huxley:

> “As palavras podem ser como os raios X, se as usarmos adequadamente: penetram tudo. A gente lê, e é trespassado. Essa é uma das coisas que eu procuro ensinar aos meus alunos: como escrever de modo penetrante.”[6]

Muito bem dito, não? Este é o espírito.

Em resumo, reescreva o que não estiver bom, elimine o que estiver sobrando, faça isso sem dó nem piedade. Mas antes, salve a versão anterior. Depois, compare a nova com a antiga.

---

[5] HEMINGWAY, E. *The Art of Fiction*, n. 21, The Paris Review, Issue 18, 1958.

[6] HUXLEY, A. *The Brave New World*, Ch. IV. New York: Harper Collins Publishers, 2006.

Verifique se a escrita soa bem, se flui, se tudo está no seu devido lugar. Fuja de jargões desnecessários, lugares comuns e palavras da moda.

Caso você esteja se sentido esgotado de tanto ler, rever, escrever e reescrever, submeta a última versão a alguém que possa atuar como seu crítico. Ouça com atenção. Afaste-se um pouco do seu texto. Depois, retome-o.

Métrica 8. Linha de Pesquisa

Esta métrica foi colocada apenas como lembrete. Já vi projetos completamente fora das linhas de pesquisa do programa. Chance de ser selecionado? Zero.

A razão é simples.

Um programa de Pós-graduação é forte quando as pesquisas que são feitas pelos professores e orientandos mantêm vínculo. Aliás, os órgãos de fomento esperam (adivinhe?) resultados no que o programa se propõe a desenvolver. Sensato, não?

Portanto, gastarei poucos *bites* para dizer o que é óbvio e banal: nunca, nunca mesmo cometa o erro de apresentar um projeto considerando apenas o que você quer.

Tenha em mente que a sua pesquisa será desenvolvida em uma instituição e é dessa instituição que você quer fazer parte.

Assim, não cometa o desatino de ignorar o que a página do Departamento apresenta como linhas de pesquisa. Entendido?

O que ocorre se você teimar em fazer o que quer e não atender a essa métrica?

Bem, você já sabe.

Métrica 9. A Representação do Plano

Todo projeto de pesquisa, já disse, tem pontos fortes e fracos. Estes pontos podem ser medidos. Por isso, as métricas.

Algumas das métricas, você deve ter percebido, são sutis. No entanto, este não é o caso do plano. Tudo fica fluorescente aqui.

Ouso até a dizer que é uma das primeiras coisas verificadas pelos avaliadores. Depois, provavelmente a mais prestigiada é a do ponto de partida (veja a Métrica 1) e a dos materiais (veja a Métrica 3).

Motivo? Geralmente há uma representação gráfica do plano realçando todos os defeitos para o avaliador. Tudo de bandeja.

Portanto, qualquer insuficiência no quesito terá um único resultado: reciclagem.

Nesse momento, o que se espera é que você já tenha:

- ☑ Definido, descrito e identificado a sua pesquisa;
- ☑ Contrastado, discutido e interpretado a situação atual do objeto;
- ☑ Analisado, explicado e comparado informações;
- ☑ Demonstrado, calculado, ilustrado as razões pelas quais o que você deseja fazer é relevante;
- ☑ Composto, criado, integrado informações de que dispõe;

☑ Apontado vertentes de discussão, avanços e possíveis resultados.

Agora, o que você deve fazer é alocar tudo isso em uma projeção gráfica de tempo, coesa e flexível. Sim, flexível.

Uma das coisas que um pesquisador experiente sabe é que imprevistos ocorrem. Os avaliadores lerão rigidez como algo a ser ajustado e, se impossível de ser ajustado, cesto de reciclagem.

Assim, saiba conduzir esse momento com toda a delicadeza e precisão, como a que faz da atividade de um relojoeiro uma arte.

A minha dica aqui é: saiba que algumas etapas do seu planejamento irão se sobrepor. Outras, serão necessariamente sucessivas. Olhe para o seu projeto e veja se na estruturação gráfica ele indica essas sobreposições e sucessões.

Nas sobreposições, as atividades são manejadas simultaneamente. Nas sucessões, apenas pode-se passar de uma vencida a outra.

Saber fazer isso em um projeto é demonstrar maturidade e aptidão de realização. Ou seja: ponto para você.

Palavras de encerramento

Conforme prometido, com este *ebook* busquei oferecer critérios para que, em aproximadamente 30 minutos, você conseguisse olhar novamente para o seu projeto e melhorá-lo. Tudo para que você pudesse fazer os últimos ajustes, os ajustes da diferença.

Claro, a depender do seu campo de estudo, as dicas aqui devem ser adaptadas, mas os pontos métricos apontados são considerados por todas as áreas.

Então, aproveite 100% do que foi dito. O seu futuro depende deste seu esforço final.

Para ter certeza de que você não deixará escapar nada, apresento a seguir uma lista *de controle* do que vimos juntos.

Apenas tique em cada item depois de avaliar (isto mesmo, avaliar) de ponta a ponta o seu projeto, porque, agora, você tem os elementos métricos para se autoavaliar como os avaliadores fazem.

Seja implacável. Assim, você aumentará substancialmente as suas chances de ser selecionado em uma multidão de esperançosos que não dispõem do olhar que agora você tem.

Este o *check list*:

Métricas da Pesquisa:

- ☐ Consistência do ponto de partida;

- ☐ Metodologia adequada;
- ☐ Material acessível e específico;
- ☐ Oposições éticas medidas;
- ☐ Custo de tempo e custo financeiro equilibrados;
- ☐ Resultados almejados retratados;
- ☐ Escrita fluida, clara, objetiva e correta;
- ☐ Projeto alinhado com as pesquisas da instituição;
- ☐ Plano transparecendo como possível de ser realizado na representação gráfica.